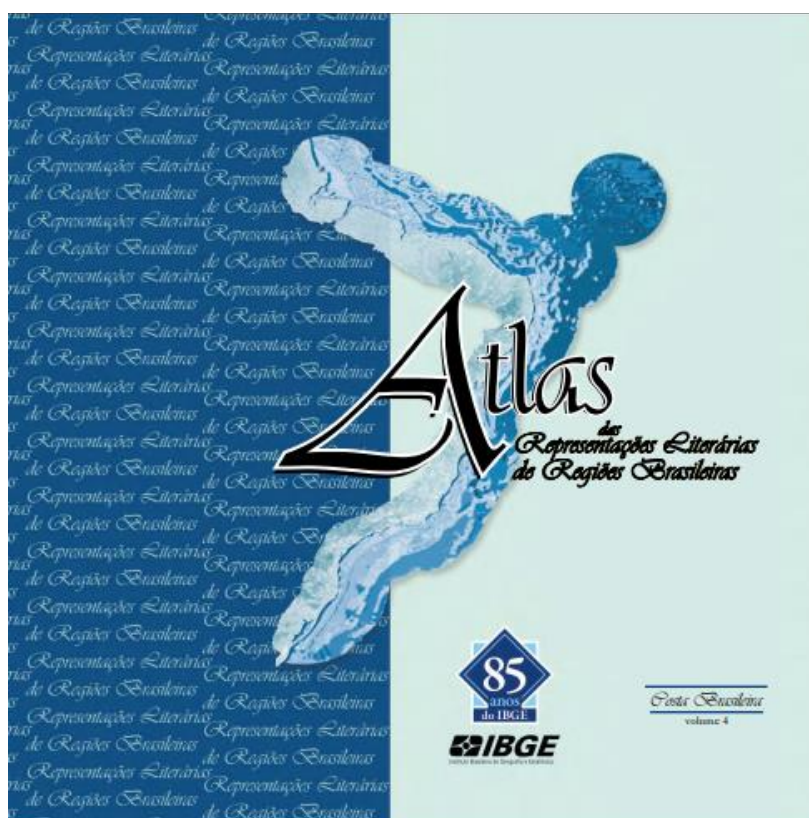


RESENHA

**ATLAS DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE REGIÕES BRASILEIRAS –
COSTA BRASILEIRA (2021)**

Maria da Penha Brandim de Lima¹ <https://orcid.org/0000-0003-3483-0072>

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Docente Efetiva do Departamento de Comunicação e Letras - Unimontes. E-mail: mariadapenha.lima@unimontes.br



É na costa brasileira que o Brasil começa a ser conquistado. A história do nosso povo se desenvolve por meio de fatos e complexidades a partir das especificidades regionais que têm sido devidamente retratadas por diversos estudos, abordando aspectos diferenciados, e, em



especial, a exploração (e conseqüente degradação) dos recursos naturais como fonte de atividades econômicas, a escravização e dizimação dos povos indígenas, bem como do sequestro e tráficos de negros africanos.

O *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*¹, em seu quarto volume, desvela a Costa Brasileira, uma das mais extensas do mundo, e muitos dos aspectos que dela fazem parte: marés e correntes marítimas, direção dos ventos, profundidades, cabos, enseadas, baías, a existência de portos naturais e toda sorte de fatores que propiciam o acesso ao território e que caracterizou, por si só, interesse daqueles que invadiram e saquearam o país.

O *Atlas*, habilmente organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta um panorama desse traçado geográfico em interface com a produção literária brasileira. Composto por 296 páginas, o volume 4 da coleção que se iniciou em 2006 – com edições que tratam do Brasil Meridional (2006), os Sertões Brasileiros I e II (2009 e 2016) – apresenta extensa referência bibliográfica, com 298 obras indicadas, e glossário. Conta ainda com a apresentação de Eduardo Luiz G. Rios Neto, presidente do IBGE.

A estrutura do volume 4 do *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras – Costa Brasileira*, apresenta seções distintas para cada área estudada, caracterizando: a) aspectos geográficos, com descrições acerca do relevo, da vegetação, da hidrografia; b) o processo histórico da ocupação, os conflitos dela decorrentes, as dificuldades e soluções encontradas para movimentação dentro do território, c) a identificação de nomes significativos de sujeitos envolvidos no processo; d) a Literatura, a partir de uma seleção de textos e autores representativos e que foram capazes de apresentar a vida das pessoas nos contextos pertinentes ao estudo, em diferentes épocas, seus costumes, a cultura e relações político-sociais.

A publicação encontra-se organizada de forma a delinear o Sul da Bahia, detalhar Santos e o Litoral Paulista, avançando para Olinda, Recife e a Costa dos Engenhos, adentrando Salvador e Recôncavo Baiano, partindo para São Luís e Baía de São Marcos, atravessando para Belém e Foz do Rio Amazonas. Depois, encaminha-se para o Norte Fluminense, parte para o Rio Grande de São Pedro e Costa Sul, encerrando seu percurso na Ilha de Santa Catarina. Nesse processo, aliada à Literatura, representa regiões de forma independente de limites regionais ou político-administrativos, também não está preocupada apenas com os aspectos econômicos dos ciclos extrativistas, “[...] mas pelo seu papel de interface entre o oceano e o continente, entre o Velho e o Novo Mundo” (NETO, 2021, p.08).

¹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>

A obra nos transporta à Literatura de autores clássicos e contemporâneos, aborda questões de arquitetura, cultura, questões históricas e sociais, entre outros. Em meio a imagens de satélites, excertos de obras literárias, mapas e fotos, o *Atlas* desenha a construção de uma identidade nacional. É a literatura, no entanto, que vai trazer o sentimento dessa construção: marcas e expressões da gente de cada parte dessa costa retratada.

O Sul da Bahia reserva grande legado do processo de ocupação do território brasileiro, uma vez que é “onde se funda a construção do mito originário nacional” (IBGE, 2021, p. 26). O Tratado de Tordesilhas apresenta o primeiro desenho do sul da Bahia, um território já habitado por uma população indígena, cuja denominação genérica era a de Tupis e Tupiniquins, que viviam e produziam seu sustento a partir dos recursos naturais, desenvolviam e mantinham sua cultura. Esses grupos apresentaram a resistência possível à ocupação do europeu, sendo essa e a própria floresta, dificultadores iniciais enfrentadas pela Coroa Portuguesa.

O *Atlas* apresenta as questões acerca das capitânicas hereditárias, referentes a delimitações e às lutas em razão da posse e uso da terra, além de estudos de vários autores acerca da floresta, do papel da região, e, avançando no tempo, apresenta o período cacauero, a relevância do clima e do relevo para seu cultivo, entre outros aspectos. Na sequência, a obra discute que é em razão de todo o histórico da região, que a Literatura resulta em obras que alcançaram a dimensão espacial, mas também sociocultural de dominações, conflitos e transformações tão bem expressos por autores como Jorge Amado com obras como *Cacau* e *Terras do Sem Fim*; Adonias Filho com *Corpo Vivo* e Euclides Neto com *Os Magros*.

“Guardar a costa, proteger as novas terras de invasores” (IBGE, 2021, p. 60) acaba sendo a grande função do litoral paulista com a fundação de São Vicente e da Vila de Itanhaém, considerando-se também, a realização de modificações no espaço, que ocorreram ao longo do tempo, em razão dos interesses da Coroa Portuguesa. A grande aventura pela Muralha (700 metros de altura da Serra do Mar), a fundação da Vila de São Paulo e a expansão que dela se deriva, constituem fatos significativos abordados no texto de maneira completa.

Forja-se nessas empreitadas uma costa representativa do processo de construção do país, de cidades importantes nos nossos dias e da possibilidade de aproximação com os invasores europeus. Pela costa, chegam também os negros escravizados, tão presentes em obras literárias diversas. Ao tratar de Santos e Litoral Paulista na Literatura, seis romances históricos são abordados em ordem cronológica para uma representação desde os primeiros anos da ocupação portuguesa até os espaços urbanos do século XX: *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; *Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil*, de Luiz Antônio Aguiar; *O planalto: o romance de São Paulo*, de Renato Castelo Branco; *A muralha*, de Dinah

Silveira de Queiroz; *Navios iluminados*, de Ranulpho Prata; *Os vira-latas da madrugada*, de Adolto Gonçalves.

Nessas obras, o papel dos bandeirantes, o impacto cultural dos degradados e imigrantes, aspectos culturais, a alteração no território, a exploração econômica, apagamentos e silenciamentos sociais são retratados por meio da linguagem delicadamente constituída, das descrições precisas e de abordagens de fatos sociais importantíssimos, capazes de construir, no imaginário do leitor, fatos históricos importantes a partir do contexto espaço-temporal.

Continuando a abordagem da costa brasileira, o *Atlas* apresenta Olinda, Recife e a Costa dos Engenhos como região também estruturada no escravismo, asseverando o papel dos rios com a importante função de permitir as atividades da economia açucareira. A publicação nos apresenta o cenário geral da colonização, iniciada por Duarte Coelho, em 1535. Nesse cenário encontram-se as guerras travadas com os indígenas Caetés e Tupinambás, por sua resistência, e também a resistência, mais tarde, dos negros escravizados. Identifica e esclarece a formação e o papel dos Quilombos como o de Palmares, esclarecendo sua configuração.

Dentro do contexto histórico, os engenhos são caracterizados na Literatura por meio de estilos diversificados. O *Atlas* menciona “como exemplos de produção cultural, que carregam elementos regionais que permaneceram no imaginário sobre o Nordeste oriental até o Século XIX” (IBGE, 2021, p.110): *Rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa; *A guerra dos hereges*, de Aydano Roriz; *No tempo frágil das horas*, de Luzilá Gonçalves Ferreira; *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela; *Senhora de Engenho*, de Mario Sette, e a grande contribuição de José Lins do Rego, com romances como *Doidinho*, *Banguê*, *O Moleque Ricardo*, *Usina*, *Fogo Morto e Menino de Engenho*.

A produção literária de José Lins do Rego retrata as profundas alterações sociais e econômicas na Costa dos Engenhos decorrentes da decadência da produção açucareira nos moldes tradicionais. Os textos literários assumem um papel fundamental para a caracterização do contexto ao abordar a vida, a compreensão dos acontecimentos, os ressentimentos, as lutas e as decadências do período, caracterizando todo o cenário espaço-temporal em que as vidas dos diversos segmentos humanos são definidas.

Em relação a Salvador e o Recôncavo Baiano, de início, o *Atlas* já apresenta uma grande preocupação em realizar a delimitação espacial, ainda que não estrita, uma vez que existem variações diacrônicas: “Recôncavo significa cavidade funda, concavidade, gruta, o que permite identificar a área interior, o entorno da Baía de Todos os Santos, como aquilo a que atribuiríamos a denominação Recôncavo Baiano”. (IBGE, 2021, p. 124).

A obra nos explica as razões da importância da região: Salvador compôs o centro de poder da Coroa Portuguesa devido a sua constituição geográfica que se constituía em uma cidade fortaleza, uma vez que a Baía de Todos os Santos foi formada a partir de uma falha tectônica que acabou por construir um porto natural. O Recôncavo assumiu tanto funções de áreas de abastecimento do centro político administrativo da Colônia quanto se constituía como área de escape em caso de conflitos.

Assim, tem relevância absoluta suas principais características de articulação nas rotas de comércio exterior entre os séculos XVI à XVIII, de grande centro econômico em razão do ciclo canavieiro e a de ponto estratégico no acesso e domínio do território. Como centro de poder administrativo, a cidade apresentava diferenças significativas e de grande distanciamento social entre segmentos mais ricos e mais pobres de sua população.

Cumprindo um papel político e social, a Literatura foi capaz de captar, retratar e colocar em foco diversas das condições dos segmentos sociais, a desigualdade, o racismo, as diversidades religiosas, as perseguições políticas e da transformação do espaço e das vidas humanas que se desenrolaram em suas diversas épocas. Apresentam-se algumas obras significativas, notadamente as de Jorge Amado, como grande romancista de renome internacional. São mencionadas, do autor, as obras *Tenda dos milagres*; *Capitães da areia*; *Jubiabá* e *Mar Morto*. Também estão mencionados *Boca do Inferno*, de Ana Miranda e, com destaque ao humor presente em suas obras, o escritor João Ubaldo Ribeiro, com obras como *Viva o povo brasileiro*. Interessante notar o destaque dado pelo *Atlas* à nova geração de escritores, representado por Eliana Alves Cruz, autora de *Água de barrela* (2016).

No que concerne ao Rio de Janeiro e Baía de Guanabara, o estudo aponta a justa exaltação da beleza da cidade por uma série de motivos. De acordo com o *Atlas*, há uma “combinação da presença de uma baía de entrada estreita e amplo interior, com a ocorrência de pontões rochosos junto à linha de costa, e de majestosa serra ao fundo da enseada, fazendo-se acompanhar ainda por densa floresta tropical, oferece um dos cenários urbanos mais deslumbrantes do planeta.” (IBGE, 2021, p. 151). O Rio de Janeiro atendeu às necessidades da Coroa Portuguesa no que se refere às ações de defesa do território e do atendimento como porto. Porém, sua navegabilidade não foi exatamente uma condição facilitadora como foi o recôncavo baiano. Ela demandou o desenvolvimento de entrepostos, do que decorreu a formação de novos povoados, fato que rendeu estudos diversos como os de Maria Therezinha de Segadas Soares. Tópico importante é a discussão acerca da ocupação, após a expulsão dos franceses e que deflagrou o “trato com as populações nativas”, uma das principais questões a serem enfrentadas (IBGE, 2021, p. 156).

O texto desvela questões como a catequização e o aldeamento como intenções protetivas das comunidades lusas; também discorre sobre o posicionamento estratégico em relação à Bacia do Rio da Prata e à articulação com a área de mineração no interior da colônia brasileira. No cenário urbano, a ascensão ao *status* de Capital, possibilitou muitas transformações, mas o texto chama atenção para a enorme desigualdade social do que decorreram muitos conflitos. O Atlas ainda apresenta aspectos de destaque na geografia histórica do Rio de Janeiro, desde a transferência da família real, seus impactos, benefícios e acréscimos de funções político-administrativas, o que atraiu a fixação de uma elite promotora de mudanças e de espaços de circulação cultural. Apoiada na economia escravocrata e agroexportadora, de um lado havia a cidade que tentava reproduzir o ambiente europeu, do outro, o legado da extrema pobreza.

A Literatura expressa esse quadro social, uma vez que “ a condição de Capital fez surgir uma grande diversidade de espaços e instituições cujo funcionamento demandava a existência de expressiva camada de população letrada”. Surgem, no Rio de Janeiro, grandes nomes da nossa literatura. Machado de Assis recebe destaque, tendo sido apreciadas brevemente as obras: *Esau e Jacó*, *Memorial de Aires*, *O Alienista*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*. Não se deixa à parte a polêmica quanto à possível falta de engajamento social de Machado de Assis e as frequentes críticas acerca da questão. De acordo com o *Atlas*, acerca das críticas sofridas por Machado “ parece-nos um engano supor que a ausência do conflito aberto em suas tramas possa ser taxada como abstenção frente ao tema. Não faltam passagens em que o uso da ironia, tão de seu gosto, denuncia a indiferença e a hipocrisia de seus personagens [...] (IBGE, 2021, p.164). Também estão mencionados Lima Barreto, com *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*; e Joaquim Manoel de Macedo, com *A moreninha* e *As mulheres de mantilhas*. Ressalte-se que o *Atlas* indica as diferentes perspectivas do que exploram as obras desses autores, seus períodos históricos, abordagens e diferentes espaços da cidade.

Avançando para São Luiz e a Baía de São Marcos, o *Atlas* explicita que fazem parte do Complexo Estuarino de São Marcos no Maranhão, “um ambiente de interfaces costeiras, fruto da confluência do desague de rios e um ambiente marinho” (IBGE, 2021, p. 182). Trata da ocupação francesa em São Luiz e na Baía de São Marcos - que durou três anos e das transformações ocorridas em decorrência dela; destaca aspectos da consolidação da ocupação e discorre sobre a Revolta Cumã, a Revolta de Beckman ou Bequimão e da Balaiada. A Literatura vem caracterizada por esse perfil da sociedade maranhense, sendo relacionadas, como representantes, as obras *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello; *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; *O mulato*, de Aluísio Azevedo; *Noites sobre Alcântara*, de Josué Montello.

Belém e Foz do Rio Amazonas surgem também como área estratégica em razão da possibilidade de acesso náutico pela Bacia Amazônica ao Atlântico, cumprindo funções protetivas em relação ao território. As disputas com franceses, ingleses e holandeses definiram a necessidade de construção de fortes como foi o caso do Forte do Presépio, a partir do qual se desenvolveu a cidade de Belém.

De acordo com *Atlas*, “ a mão de obra empregada na construção do Forte foi de população indígena que já habitava a região, sobretudo os Tupinambás, grupo conhecido por sua resistência histórica, mas que, mesmo assim, foi praticamente exterminado cerca de um ano depois do início das obras [...]” (IBGE, 2021, p. 203). Outra estratégia foi a criação dos Estados com vínculos administrativos diretos com Portugal, caso de Maranhão e Grão Pará com sede, inicialmente, em São Luiz (1621) e, depois, em Belém (1751). Ressalta-se que toda organização socioespacial e atividades extrativistas advinham de ações violentas e escravagistas.

Na Literatura o acervo acerca da região não é tão vasta, limita-se “em virtude do pequeno número de obras escritas sobre a região, sobretudo dedicadas aos primeiros anos de contato entre colonizadores e as populações tradicionais amazônicas” (IBGE, 2021, p. 208). São elencadas no texto obras como *Ajuricaba: o caudilho das selvas*, de Márcio Souza; *Contos Amazônicos*, *Amor de Maria e Feiticeira*, *O donativo do Capitão Silvestre* e *Voluntário*, de Inglês de Sousa; *Lealdade*, de Márcio Souza; *Chove nos Campos de Cachoeira* e *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir.

O norte fluminense originou-se da ocupação iniciada com a fundação da Cidade de Cabo Frio e a dizimação dos indígenas Goitacás, no século XVII, permitindo a incorporação dos “campos dos goytacazes” à Coroa Portuguesa para exploração do novo espaço. A primeira atividade produtiva foi a criação de gado, contribuindo para o abastecimento de engenhos próximos, porém, a hegemonia da cultura açucareira se sobressaiu em relação a outras formas de produção. O posicionamento geográfico e a oportunização das linhas férreas tiveram importante papel, possibilitando ligações entre Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

Quanto ao aspecto sociocultural, surge uma elite que está retratada na Literatura. Essa elite possuiu influência suficiente para realizar demandas ao governo federal e que deixaria determinado *status* de glória do passado. A título de representação da produção literária do período, o *Atlas* apresenta as obras *Olha para o céu*, *Frederico* e *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho.

Rio Grande de São Pedro e Costa Sul é região que se caracteriza por navegação difícil, “a costa do Rio Grande do Sul é conhecida por sua grande incidência de naufrágios, cujos restos, por vezes, ainda são visíveis em suas praias” (IBGE, 2021, p. 236). Historicamente, o Rio

Grande inicia-se pelo interesse de Portugal no acesso à Bacia do Rio da Prata. Sua configuração plana, com vegetação rasteira e ocorrência de ventos polares no inverno foi o cenário de lutas pela conquista do território. A Literatura marca a disputa de fronteiras em produção literária bastante rica em obras tais como *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo; *Um Quarto de Légua em Quadro: diário do Doutor Gaspar de Fróis, médico*, de Luiz Antonio de Assis Brasil; *Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto; *A Ferro e Fogo: tempo de solidão*, de Josué Guimarães; *Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez*, de Tabajara Ruas; *A Superfície das Águas*, de Hilda Simões Lopes e *Porteira Fechada*, de Cyro Martins.

Esgotando-se as condições do Tratado de Tordesilhas, tornou-se preocupação da Coroa Portuguesa um sistema de proteção das fronteiras, por isso a construção de fortes em sistema cruzado e a necessidade de se providenciar suporte militar, acabou por definir a Vila de Nossa Senhora do Desterro a condição de Capital da Capitania de Santa Catarina.

Posteriormente, imprimiu-se uma política de povoamento com o incentivo da imigração de casais açorianos para ocupação do vazio territorial, aproveitando-se o fato de que a população dos Açores passava por dificuldades de ordem econômica e social. A vinda dessa população, motivada por promessas em relação ao subsídio de suas chegadas e fixação na região, muitas não cumpridas, possibilitou um legado cultural bastante amplo em vários setores.

O *Atlas* discute ainda o problema da invasão espanhola de 1777, suas causas e consequências, a resistência das missões jesuíticas, assim como o detalhamento dos conflitos, o papel dos fortes, a situação da população em fuga ou subjugada ao trono espanhol, e as soluções encontradas a partir do Tratado de Santo Ildefonso. Esse processo encontra-se expresso na Literatura, conforme menciona a obra, representada por Almiro Caldeira com *Rocamaranha e Arca açoriana: rocamaranha II*.

A relevância da costa brasileira, do ponto de vista econômico, é clara e constatada em vários estudos. O *Atlas* contribui com a discussão, incluindo a necessária pauta da presença dominadora não só do espaço, mas principalmente dos corpos, conforme retratado na Literatura em textos apresentados e brevemente comentados. Tanto no trabalho escravo quanto para a manutenção dos territórios, lançou-se mão da disposição de pessoas, ora para cobrir um vazio territorial, à custa de promessas diversas, ora como mão-de-obra para o incremento da produção, gerando riquezas que não tiveram uma justa distribuição. A leitura do material constitui fonte riquíssima para diversas pesquisas em Ciências Humanas e nos oferece um espelho com o qual podemos compreender melhor a sociedade brasileira, tal como se apresenta hoje.

REFERÊNCIAS

IBGE, Coordenação de Geografia. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras.** Rio de Janeiro: IBGE, 2006-2021. 4V.

Artigo recebido em: 19 de junho de 2022.

Artigo aceito em: 02 de agosto de 2022.

Artigo publicado em: 03 de agosto de 2022.